

DN 26.3.67

Jan. 77 - O Fluminense

RN  
Nº 28

**RUBEM BRAGA**

## O TEÓRICO FALA DE MULHERES

MEU amigo dizia:

«Afinal a razão estava mesmo com aquele senhor tenebroso, que sete vezes amou para sete vezes matar. Não que tivesse razão em matar, mas em amar sete vezes. Estou convencido — e a humanidade também o está, sem o dizer — que é realmente impossível amar menos de sete vezes na vida.

Na vida — ou talvez na semana, e cada vez amar de um amor diferente. Cada dia traz o seu desejo e a sua necessidade. Transferir êsse desejo para o dia seguinte, ou emendá-lo com o da véspera, não parece boa política. O melhor é — com a folhinha diante dos olhos — fazer com que o amor de segunda-feira seja diferente do de domingo.

Que necessidade há de mentir? Ninguém repete um sorvete de morango, e cada rei do Sião morre apenas uma vez. De resto, a semana é tão comprida, e a vida tão curta. Há pessoas que, chegando à quinta-feira, já não se lembram do que fizeram na

segunda, e olham para o domingo como para a Ásia longínqua. Outras, quando se despedem, dizem «até amanhã» como se embarcassem para Singapura.

E, depois, os sete dias da semana são tão distintos uns dos outros. Mulheres há que talvez não convenham à calma bonanceira dos domingos, feita para as pessoas gordas. São nervosas, finas, rápidas; precisamente mulheres próprias para as quartas-feiras. Outras, diretas e exatas, são ótimas para começar a semana, uma semana de trabalho e de lutas: mulheres das segundas-feiras.

Há, também (e é êste o ponto difícil dessa divisão sentimental da semana), as mulheres das sextas-feiras. São mulheres fatais ou cacêtes. Vestem-se de marrom e usam perfume comprado na Argentina.

Pensando melhor, eu proporia seis mulheres, não sete, para a semana; e, em vez de descansarmos no domingo, descansá-íamos na sexta, com leituras edificantes e um aviso na porta: «Fechado para balanço».

16-4/68